

Caderno




IMPRENSA
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VII - n.º 37 • Vitória-ES • Janeiro de 2017 • Bimestral



A arte do Carnaval

Os desfiles das escolas de samba
se consolidam no ES como espaço
para artistas populares

Páginas 6 a 11

**A INFLUÊNCIA LITERÁRIA NA OBRA
DE SÉRGIO BENEVENUTO**

Páginas 3 a 5

**A MARCANTE HISTÓRIA DO ARTISTA
FRANCÊS GILBERT CHAUDANNE**

Páginas 14 e 15

A alegria e a arte

A primeira edição do ano faz uma grande homenagem aos profissionais de talento que dão vida aos desfiles das escolas de samba no Espírito Santo. Carnavalescos, compositores de samba de

enredo, presidentes de agremiações contam um pouco do desafio de colocar a escola na avenida, especialmente nestes tempos de crise econômica generalizada.

São os artistas da princi-

pal manifestação nacional, que refletem mais do que ninguém a verdadeira cultura popular brasileira. A principal estrela, nesse processo de construção do desfile, o carnavalesco, explica como consegue dar forma à escola que o público vê no Sambão do Povo, em Vitória.

A busca por inspiração dos carnavalescos é compartilhada por artistas das mais diversas áreas. É o caso do músico e produtor musical capixaba Sérgio Benevenuto, que tem na literatura a principal fonte para a produção dos seus CDs. Apaixonado pelos romances clássicos e pela literatura latino-americana do Século XX, Benevenuto confessa a influência do escritor Gabriel García Márquez e da literatura, de maneira geral, na sua música.

Outro artista importante e reverenciado nesta edição é o francês Gilbert Chaudanne, que tem sua história profissional, boa parte dela vivida no Espírito Santo, contada em livro.

Boa leitura! ■



Foto: Divulgação

O Carnaval cada dia mais bonito das escolas de samba capixabas

Caderno D

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO
MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

LUCIA HELENA DORNELLAS
Diretora de Produção e Comercialização

MARIA BEATRIZ BARROS KILL
Diretora Administrativa e Financeira

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br



Foto: Divulgação

A literatura, especialmente a obra de Gabriel Garcia Márquez, serviu de inspiração para a música de Benevenuto

A literatura que virou *música*

APAIXONADO PELA LEITURA, O MÚSICO SÉRGIO BENEVENUTO BUSCA INSPIRAÇÃO NAS HISTÓRIAS CONTADAS POR GRANDES ROMANCISTAS



Cangaço Cyber é um dos últimos CDs do músico capixaba

Alma de artista do músico e produtor musical Sérgio Benevenuto já se apresentava na adolescência. Seu jeito desajustado, pouco afeito às convenções sociais, como ele mesmo conta, buscava conforto no mundo lúdico das artes. Tudo o interessava: a literatura, o cinema, o teatro, as artes plásticas...

O melhor para os que

acompanham seu trabalho e suas descobertas é que tudo isso convergiu para o talento musical e para a inquietação artística de Benevenuto. “Todo processo artístico passou a me interessar e foram se tornando todos eles quase uma mesma unidade aos meus olhos.” Foi assim que na transição da adolescência para a fase adulta ele mergulhou nos clássicos, >>

principalmente europeus.

“Devorava os alemães, como Rilke ou Thomas Mann, os ingleses com as peças de Shakespeare e com os delírios de Virginia Wolf... Cervantes, Dostoiévski e Tolstói, Kafka, Baudelaire, Gide e Proust. Virei um leitor voraz, frequentador de sebos.” Um pouco mais para frente, o músico disse ter chegado à literatura enxuta e modernizada do Século XX. “Na segunda metade do Século XX, fomos presenteados com uma enxurrada de excelentes escritores latino-americanos, como Cortázar, Borges, Fuentes... Dentre eles, deparei-me, por meio da obra ‘Cem Anos de Solidão’, com o maior dos maestros, o colombiano Gabriel Garcia Márquez e seu realismo fantástico. Achei na sua prosa a proporção certa que gostaria de ter em minha música. Entre o real e o irreal, entre a dor e a alegria, entre a doçura e a agressividade”,

conta Sérgio Benevenuto.

Aliás, a influência de Garcia Márquez foi determinante. “Eu o consolidei ainda mais como minha maior referência literária na música quando ele afirmou que uma grande obra se faz mais pelo que se tem coragem de jogar no lixo do que o que efetivamente se edita. Foi como um recado

para mim de que eu precisava me desprender e que o mais ou menos ainda é igual a ruim.”

Hoje, o colombiano ganhador do Prêmio Nobel, autor de outros livros geniais, como “O amor nos tempos do cólera” e “Do amor e outros demônios”, faz parte do time predileto de Benevenuto, ao lado do brasileiro Guimarães

“A MÚSICA INSTRUMENTAL QUE FAÇO TENDE A CONTAR HISTÓRIAS.

VOCÊ PERCEBE ISSO DESDE OS NOMES DAS MÚSICAS, À TEMÁTICA DE CADA ÁLBUM E A MANEIRA CÊNICA QUE OS ARRANJOS SÃO DESENVOLVIDOS”

[*O mapa de acordes*

Sérgio Benevenuto é um daqueles artistas que fez sua carreira mais nos bastidores do que no palco. O capixaba apaixonado pela música, no final dos anos de 1970, trocou o Espírito Santo pelos Estados Unidos. Em Boston, em 1984, graduou-se “Magna Cum Laude” na conceituada Berklee College of Music.

Na volta ao Brasil, fundou a escola Rio Música, no Rio de Janeiro, e elaborou uma metodolo-

gia inédita de ensino, responsável pela formação de instrumentistas reconhecidos no cenário da música brasileira.

Aliás, com a metodologia aplicada na Rio Música, Sérgio Benevenuto está ganhando sua fatia no mercado editorial de material didático. Editado pela Editora 5W, já está no mercado com o “O Mapa dos Acordes”, lançado em 2014. Dois outros livros, “No Rastro da Melodia” e “Harmonia e Estrutu-

ração Musical” estão em fase de finalização.

“Um desafio na didática é você se expressar bem e se fazer entender com simplicidade e clareza, sem deixar lacunas. A literatura, ao longo do tempo, vai pavimentando na pessoa esse caminho. A literatura moderna então exige simplicidade com forte conteúdo, apesar de muitos ainda acharem que o rebuscamento retórico é uma mostra de cultura”, explica Benevenuto.

Rosa e do português Fernando Pessoa.

Do livro ao CD

Apesar do reconhecido talento musical, Sérgio Benevenuto, que começou sua aventura pelo mundo das artes na década de 1970, andou mais pela educação e produção musical de outros ar-



Foto: Divulgação

tistas do que da sua própria obra. Seu primeiro CD só foi lançado em 2007, com “Onde Andará Ruff Cutz?”, com sabor de homenagem aos loops de bateria chamado Ruff Cutz, uma paródia à “rough cuts” (“takes toscos” ou “cortes toscos”), criado pelo baterista Dave Ruffy. O CD teve um reconhecimento instantâneo ao ser pré-selecionado para o Prêmio da Música Brasileira em 2008.

A relação da sua música com a literatura fica mais evidente nos CDs “Io”, de 2011, e “Cangaço Cyber”, de 2016. Como explica no seu site, o primeiro “está ancorado nos vários significados do nome ‘Io’ (o ‘eu’ em italiano; a belíssima e intrigante Lua de Júpiter; a ninfa que encantou Zeus e foi transformada em novilha pela enfurecida Hera; a bela espécie de borboleta que nasceu das lágrimas da Io; e também o in/out na linguagem do Áudio).” Já com “Cangaço Cyber”, ele

explica, a motivação é o mundo épico brasileiro do cangaço, mas agora em consonância com as tecnologias da música eletrônica.

“A música instrumental que faço tende a contar histórias. Você percebe isso desde os nomes das músicas, à temática de cada álbum e a maneira cênica que os arranjos são desenvolvidos. Claro que os livros estão sempre presentes, como na história da ninfeta Io, que na Mitologia Grega encantou o poderoso Zeus, pagando um alto preço por isso. Por outro lado, o Cangaço Cyber exala tanto a aridez de Euclides da Cunha com o seu severo ‘Os Sertões’, como os amores proibidos na obra monumental ‘Grande Sertão: Veredas’, de Guimarães Rosa.”

Em 2016, o músico disponibilizou a trilogia instrumental completa em formato box, sob o nome de “Shaking Planets – The Music Of Sérgio Benevenuto”.

A Rio Música, que tinha como parceiros o produtor Mayrton Bahia e o sonorizador Carlos Pedruzzi, foi a primeira escola a oferecer no Brasil um curso completo de produção fonográfica, segundo Sérgio Benevenuto.

No retorno ao Espírito Santo, atuou com mais força na produção musical, dirigiu diversos espetáculos e produziu mais de 20 CDs. Entre os discos que produziu, seu site destaca: “O primeiro do grupo Solana

(que colheu elogios entusiasmados de Fernanda Abreu e Bono Vox), o da banda Rajar (que entrou com uma música no seriado Malhação, da Rede Globo) e o do grupo Saia no Samba (que com o lançamento em 2010 deixou o grupo em terceiro lugar na categoria de Melhor Grupo de Samba no Prêmio de Música Brasileira 2011)”.

Sua produção de 2014, o CD “Orbe”, do guitarrista Fábio Calazans, foi pré-indicado ao Prêmio de

Música Brasileira. Ainda fazem parte deste pacote produtos diferenciados como o CD “Ao Vivo em Vitória”, que marcou o encontro inédito de quatro grandes nomes da música instrumental (Carlos Malta, Marcos Suzano, Victor Biglione e Arthur Maia) e o “Catálogo de Música do Espírito Santo”, coletânea de quatro CDs com uma boa amostra da música capixaba, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult). ■



As lindas imagens do Carnaval capixaba refletem o talento e o esforço dos carnavalescos e de suas equipes que ajudam na criação dos desfiles

Artistas da *folia*

A BRINCADEIRA CADA VEZ MAIS SÉRIA DO CARNAVAL
"CONTAMINA" AS ESCOLAS DE SAMBA DO ESPÍRITO SANTO

O deslumbramento do público com um bom desfile de uma escola de samba é tão comum quanto a pergunta: como o carnavalesco consegue transformar aquele caos num espetáculo dos mais característicos da arte popular brasileira? Sem a estrutura e o mesmo reconhecimento dos colegas cariocas, os carnavalescos capixabas dão seus pulos para desenvolver o enredo da melhor forma possível, mas

dentro de uma realidade bem mais limitada.

"Aqui, o Carnaval ainda é feito muito em cima da hora", reclama o carnavalesco Paulo Balbino, da Piedade. Apesar do notório avanço das escolas capixabas nos últimos anos, o Espírito Santo ainda não tem garantia de recursos financeiros e também não conta com uma rede de profissionais que atua o ano inteiro para o desenvolvimento do desfile. "A gente

começa o trabalho sem saber o tamanho do voo que pode alcançar." O carnavalesco, que é também bailarino e coreógrafo, refere-se à inconstância de recursos para o desenvolvimento do desfile, comparado, especialmente, à organização e ao planejamento das escolas do Rio de Janeiro, que trabalham o ano todo e que têm recursos e planejamento definido um ano antes do evento.

Mesmo assim, o trabalho

artístico no Estado segue um ritual parecido. O carnavalesco, com mais ou menos estrutura, precisa, para desenvolver o enredo, de muita pesquisa (com apoio de enredistas) e de contar com profissionais como aderecistas, escultores, pintores, marceneiros, costureiras... Como toda essa mão de obra para o Carnaval ainda não existe em abundância no Estado, é comum profissionais do Rio de Janeiro e de Parintins – festa de folia mais tradicional da Amazônia, reconhecidos, especialmente, pelo desenvolvimento de carros que apresentam movimento em suas figuras –, socorrerem os carnavalescos capixabas.

O trabalho de toda essa equipe é acompanhado de muito perto pelo carnavalesco, principalmente com a estrutura local. Balbino, por exemplo, chega a botar a mão na massa para desenvolver figurinos e até, aproveitando da sua formação de bailarino, para criar passos coreografados para algumas alas.

Seu colega da Boa Vista, escola de Cariacica que rompeu, no início da década de 2010, com a hegemonia da Mocidade Unida da Glória (MUG) e da Jucutuquara, Petterson Alves, faz um acompanhamento bem de perto da pesquisa sobre o enredo. Como não conta com uma equipe de enredistas, aciona, quando preciso, amigos que são historiadores e professores de outras áreas, para fazer a pesquisa que ajuda a desenvolver o enredo. “Mas, em geral, prefiro fazer eu mesmo a pesquisa.”

Para Alves, que já foi quatro vezes campeão do Carnaval

capixaba pela MUG e é formado em Rádio e Televisão, a grande e nobre função do carnavalesco é, com sua arte, transformar toda a comunidade da escola de samba em artista durante o desfile.

Talento e suor

A dureza de tocar um Carnaval sem uma estrutura adequada é compensada, na visão de Paulo Balbino, quando o público entende a leitura do carnavalesco para o enredo. “Quando as pessoas vibram com o desfile, são 70 minutos de prazer.”

Apesar dos 30 anos atuando no Carnaval, Balbino diz não ter tido muitas decepções ao longo deste tempo. Para ele, durante todo esse período, os momentos de prazer foram muito maiores.

Em um formato cada vez mais comum para os carnavais fora do Rio de Janeiro, a MUG buscou uma fórmula que deu muito certo nos dois últimos desfiles, nos quais se sagrou campeã. O carnavalesco da



agremiação é o experiente Cid Carvalho, que tem origem nos desfiles cariocas e que já integrou a famosa comissão de carnaval da Beija Flor, com a qual foi quatro vezes campeão no Rio.

Cid assina o carnaval da MUG, mas acompanha o seu desenvolvimento de longe – uns 15 dias antes do desfile ele chega ao Estado, para fazer o fechamento do trabalho. O diretor de Carnaval da escola de Vila Velha, Jurandir Machado, que foi carnavalesco nos tempos ainda de desfile na Avenida Princesa Isabel, no Século XX, é que coordena os trabalhos no >>



barracão. “Tenho de garantir que toda a equipe não fuja da concepção do projeto do Cid.”

Machado elogia o profissionalismo do carnavalesco radicado no Rio de Janeiro e diz que a aposta da MUG deu bons frutos, com dois títulos seguidos em 2015 e 2016. Ele garante, no entanto, que há um bom nível entre os carnavalescos capixabas.

O próprio Paulo Balbino, da Piedade, diz que essa prática entre os carnavalescos do Rio é cada vez mais comum. Grandes talentos do Carnaval carioca emprestam seu nome e sua experiência para o desenvolvimento de enredos em vários cantos do país. “Os carnavalescos das grandes escolas do Rio, hoje, são só criadores. Criam a ideia e entregam para

os pesquisadores, os enredistas e profissionais de várias outras áreas, que depois devolvem a história. Aqui, a gente pensa a história, desenha, desenvolve as peças, desfila e bate palma.”

Arte popular

O longo envolvimento com o Carnaval, sua participação como destaque da Beija Flor, por anos, a convivência com grandes profissionais, inclusive com Joãozinho Trinta, um ícone quando se fala em carnavalesco, não chegam a ser uma fonte de inspiração, conforme Balbino. Foram grandes experiências, mas suas fontes de inspiração para os desfiles vêm de outros espetáculos.

Na sua visão, o maior deles no momento é o Cirque du Soleil, a trupe com origem no



Canadá, mas que abriga artistas do mundo todo e que transforma os espetáculos circenses em eventos artísticos poéticos e pós-modernos. “Eu gosto do lúdico, gosto da fantasia, de fugir, de não estar amarrado à realidade”, ressalta o carnavalesco da Piedade.

Para Paulo Balbino, é imperioso que o carnavalesco tenha uma visão de o diretor de um grande espetáculo. Petterson Alves acrescenta que a profissão exige paixão pelo Carnaval, conhecimento geral e uma visão aguçada de como funciona um desfile, além da necessidade de estar cercado por uma boa equipe, com artistas de várias áreas.

O diretor de Carnaval, Jurandir Machado, associa o trabalho do carnavalesco a de um escritor, que, além de escrever aquela história, precisa editá-la, adaptá-la e transformá-la em um grande espetáculo teatral, a céu aberto.

O bom nível do carnavalesco capixaba, elogiado por Machado, acompanha, na sua interpretação, o avanço geral dos desfiles em Vitória. “O nível do Carnaval melhorou muito, como também das pessoas que fazem a festa, como os presidentes de escola, os profissionais que preparam as fantasias e adereços e o público, mais acostumado com os bons desfiles.”

A cara dos desfiles

Os ciganos da Boa Vista, os caras pintadas da Piedade e cartas da MUG. As escolas vão levar para o Sambão do Povo um Carnaval diversificado. O diretor de Carnaval da MUG, Jurandir Machado, explica que o enredo “A MUG dá as cartas” resgata as cartas de amor, a carta da vovó, contando a história desde a carta de Pero Vaz de Caminha para a Coroa Portuguesa, logo após a chegada ao território brasileiro, passando pelas cartas ciganas, o carteadado e o avanço dos canais de comunicação no mundo cada vez mais tecnológico.

Já a história que a Boa Vista vai contar na avenida tem inspiração no povo cigano. Com “Sob a luz da lua, guiado pelas estrelas, a Boa Vista tem a alma

cigana Optcha”, a escola de Cariacica vai falar das andanças desse povo nômade, que não tem pátria, mas tem bandeira, passando uma imagem positiva dos ciganos, falando da sua chegada ao Brasil, dos seus costumes, como a leitura das mãos e a bola de cristal, passando pela famosa Ópera Carmem.

A Piedade aposta seu Carnaval em enredo que parece casar com o período que o país atravessa, mas que o carnavalesco Paulo Balbino garante ser uma coincidência: “No mundo e na vida, de cara pintada com a Piedade na avenida.” O enredo vai abordar a trajetória dos caras pintadas do Egito ao Governo Collor.

O desfile em Vitória das escolas do grupo especial será no dia 18 de fevereiro.



Ordem dos desfiles

- Novo Império
- Jucutuquara
- MUG
- Pega no Samba
- Piedade
- Independente de Boa Vista

Tanto para Alves como para Balbino, a demonstração de talento do carnavalesco, aqui, no Rio ou em qualquer outro estado, e os desfiles das escolas de samba representam muito bem o protagonismo do Carnaval na produção da arte popular no Brasil.

A importância do carnavalesco neste processo é resumida no livro “A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro”, de Nilton Santos. “No Carnaval das escolas de samba (...) a figura do carnavalesco, transformando o enredo em linguagem visual nas fantasias e alegorias, parece hoje central para o processo de transformação da ‘festa popular’ em ‘arte do efêmero’”.

A crise e a indústria do Carnaval

A crise econômica do país reduziu o número de patrocinadores e pode comprometer o desfile das escolas de samba em Vitória. O presidente da Liga das Escolas de Samba do Espírito Santo (Lieses), Rogério Sarmento, no entanto, acha que mais uma vez as agremiações vão se superar para fazer o melhor Carnaval possível.

“Essa não é a nossa realidade agora. Essa é a realidade que enfrentamos sempre. As escolas capixabas sempre têm

poucos recursos. É uma pena porque o Carnaval pode dar um grande retorno, pelo turismo e pela mão de obra que gera”, desabafa Sarmento.

Embora não tenha chegado ainda ao nível profissional do Carnaval carioca, que mantém uma mão de obra especializada e empregada durante todo o ano, o presidente da Lieses diz que muitas famílias encontram renda extra na preparação dos desfiles por uns seis meses. “Hoje não há mais muito espaço para voluntários nos barracões. Quase todos são remunerados.”

Por isso, o dirigente acredita que o investimento no Carnaval traz retorno para a sociedade, por empregar pessoas, gerar renda, impostos e atrair turistas. “No último Carnaval tínhamos quase 1,8 mil pessoas trabalhando de forma remunerada nos barracões.” Isso, sem contar, segundo ele, com a mão de obra indireta e com a especialização desses trabalhadores, que poderiam se qualificar mais para esse mercado, como já acontece no >>



Em meio a crise econômica, o reaproveitamento de materiais é a saída para fazer carros e fantasias criativas

Rio de Janeiro.

Nesse corpo profissional, no Estado, estão carnavalescos, costureiras, aderecistas, sapateiros, soldadores, escultores, pintores, técnicos de iluminação, entre outros tantos. A troca de experiências com profissionais de outras regiões, como o Rio, berço das escolas de samba, e Parintins tem melhorado o nível do trabalhador no Carnaval capixaba, para Sarmento.

Ele, inclusive, acha que essa evolução profissional chegou aos carnavalescos, aos compositores e outros ligados

diretamente à cultura da escola de samba. “Todos entenderam que precisam estudar mais, estar mais preparados para o desafio de colocar uma escola na avenida.”

Robertinho da MUG, presidente da escola que leva no “sobrenome”, também acredita que a crise não será um problema a mais para o próximo desfile. “Vivemos, permanentemente, em crise.” Ele conta que as escolas têm uma bola de neve de dívidas, que se acumulam ano a ano.

No barracão da escola de Vila Velha mais de cem

pessoas trabalham para tentar dar o tricampeonato à MUG. Robertinho admite que para o desfile de fevereiro, sua escola e, possivelmente, todas as outras vão participar com menos componentes, para reduzir o custo do desfile.

Outro presidente de escola que fala em minimizar custos com o Carnaval deste ano é Emerson Xumbrega, da Boa Vista. “Será um Carnaval de dívidas. Há menos parcerias, o folião não tem dinheiro para a fantasia e para frequentar os ensaios (fonte de renda das escolas).” Uma das formas de

A arte em samba

Um outro profissional fundamental na história contada nos desfiles é o compositor do samba de enredo. É dele a função de transformar a história em música e poesia. Este é o caso de Gustavo Fernando, da nova geração de compositores para as escolas de samba do Estado.

Fernando já assinou, com parceiros, sambas para escolas como a Piedade, a Jucutuquara e a São Torquato. Para isso, passou por concursos de sambas de enredo, expediente utilizado pela maioria das agremiações – Boa Vista e MUG são exceções e têm seus sambas criados por equipes de compositores, sem concorrência.

Para quem quer se aventurar nessa área, Fernando avisa: “Fazer samba de enredo é muito mais complexo do que uma música normal”. A composição é limitada porque

o autor cria a partir da sinopse da história feita pelo carnavalesco.

“O carnavalesco passa tudo que ele espera que esteja no samba”, explica o intérprete da MUG na avenida, Thiago Brito (foto), também compositor e que emplacou os sambas da escola entre os anos de 2010 e 2014, em parceria com Diego Nicolau.

Brito explica que, hoje, os compositores do Estado estão melhor preparados e a qualidade da produção desse grupo profissional melhora muito todos os anos. Ele, embora seja da MUG, já compôs sambas para outras escolas, como a Pega no Samba, a Novo Império e a Tradição Serrana.

Essa prática, comum a Brito e a Fernando, é usual entre as escolas da Grande Vitória. “O quadro de compositores de sambas de enredo no Estado é pequeno”, justifica o in-

térprete da MUG.

Para fazer um bom samba de enredo, Gustavo Fernando diz que o principal segredo, além do talento, é pensar no público, na condução da escola na avenida. “É muito complexo porque você tem de agradar a escola, o público e o jurado.” O compositor é também um comentarista de Carnaval, do site Viva Samba.

Ele disse que entrou no mundo dos compositores de samba de enredo porque foi desafiado por colegas, que se queixavam de suas críticas. Então, o jornalista por formação, resolveu mostrar que podia ir além da crítica.

No pequeno e seletivo grupo de compositores, Fernando juntou força com Lelei do Cavaco e Renilson Rodrigues, parceiros mais frequentes. Em 2011, os três, juntos, venceram o concurso de sambas de enredo da Novo Império e da Rosas de Ouro. Em 2012 e 2013, também com outras parcerias, Fernando conquistou quatro concursos em cada ano.



A imagem do Carnaval é capixaba

economizar que a Boa Vista encontrou foi reduzir o tempo de contratação e número de pessoas empregadas para a produção do desfile. No ano passado, a escola empregou 150 pessoas por seis meses. Para este ano, foram cem empregados, por quatro meses.

A Liga, segundo o presidente, nestes momentos de crise tem uma grande importância para tentar evitar que as escolas não se aprofundem mais em dívidas e que não tentem ir além do que podem. A entidade continua, mesmo com a proximidade da festa, que é realizada um final de semana antes do Carnaval no restante do país, negociando recursos para o evento.

Na crise, além de usar de mais criatividade, as escolas precisam aproveitar melhor o material dos desfiles anteriores e reaproveitar o que for possível. “Estamos reaproveitando ao máximo o material utilizado no desfile passado”, conta Xumbrega. O carnavalesco da agremiação, Petterson Alves, disse que estão sendo reaproveitadas as ferragens dos carros alegóricos, a arte plumária das roupas e que algumas fantasias do passado acabam sendo vendidas para escolas de outros estados.

Em tempos de crise profunda, o carnavalesco tem de transformar lixo em luxo, trabalhar com reciclagem, aproveitar tudo que for possível do desfile anterior, dando, claro, outra roupagem, segundo o diretor de Carnaval da MUG, Jurandir Machado.

Em meio a concorrentes de todo o país, o Prêmio Edison Carneiro de Fotografia de Carnaval, de 2014, da Unirio, foi conquistado por um fotógrafo capixaba, com uma foto de um desfile realizado no Sambão do Povo. O fotógrafo Samuel Vieira, velho conhecido das redações dos principais jornais de Vitória, com sua “Escola de Afeto”, foi o primeiro colocado.

O Prêmio foi criado pelo professor do Centro de Ciências Humanas da Unirio, Jair Martins de Miranda. A premiação contemplou várias categorias, como melhor fotografia, melhor documentário e melhor artigo acadêmico, todos relacionados ao Carnaval.

“Escola de Afeto” é uma das fotos feitas por Samuel Vieira que comporão o livro “Cores na Avenida”, contemplado pela Lei Rouanet. A obra é uma coletânea do Carnaval capixaba em fotografias captadas nos desfiles de escolas de samba em Vitória, de 2008 até agora. O lançamento está previsto para 2017.

A relação de Samuel Vieira, que trabalhou como fotógrafo também no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, com a fotografia como expressão artística se consolidou em 1988, data da sua primeira exposição individual. Eram fotos de vários músicos e cantores brasileiros que se apresentaram em Vitória. Sua segunda exposição, em 1992, registrou



A poesia em foto de Samuel Vieira

um dos momentos históricos mais importantes do Brasil: fotos das passeatas realizadas em Vitória pedindo o impeachment do então presidente Fernando Collor.

O primeiro trabalho impresso autoral foi o projeto “Quilombos do Brasil - 300 anos de Zumbi dos Palmares”, revista lançada em novembro de 1995, com fotos desses espaços no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e em Goiás. A qualidade do trabalho lhe rendeu um convite para, no ano seguinte, expor em Havana, Cuba, na Casa da Venezuela.

Além do livro “Cores na Avenida”, Vieira tem no forno “Caleidoscópio Urbano”, obra aprovada pela lei de incentivo cultural de Vila Velha e que está pronto para ser impresso, contando, em imagens, a história de quatro bairros em Vila Velha (São Torquato, Sagrada Família, Argolas e Paul). ■

Acervo de afetos

Kyria Oliveira*

A Galeria Homero Massena completa 40 anos de promoção da arte no Espírito Santo. Criada em 1977, ela foi o primeiro equipamento de cultura do Governo do Estado e grande parte dos artistas capixabas passaram por esse espaço fazendo parte de sua história.

Embora o foco da Galeria seja a produção contemporânea, ela segue para o futuro sem deixar de valorizar o seu passado. Seu acervo é testemunha das quatro décadas de atuação no cenário artístico capixaba. A



“PELA PRIMEIRA VEZ NO ESPÍRITO SANTO UM ESPAÇO FAZ UMA CURADORIA PENSADA

NA INFÂNCIA E CONVIDA A CRIANÇA A MERGULHAR NO UNIVERSO DA ARTE DE FORMA INTERATIVA E LÚDICA”

cada ano, a Galeria tem se consolidado com o lançamento de novos artistas, fruto dos editais de seleção de portfólios para artistas que nunca fizeram uma exposição individual.

Em seu programa inclui além das exposições do edital do Funcultura, mostras do acervo, ações educativas desenvolvidas em cada exposição, visitas mediadas e encontros com os artistas.

O ano de 2017 será de comemoração pelos 40 anos e a Galeria começa o ano comemorativo com uma nova abordagem sobre seu acervo. Pela primeira vez no Espírito Santo um espaço faz uma curadoria pensada na infância e convida a criança a mergulhar no universo da arte de forma interativa e lúdica. Trazer a criança para o museu é uma forma de mostrar que



a arte deve fazer parte de seu cotidiano e de seu imaginário.

A Galeria Homero Massena tem a missão de se afirmar, cada vez mais, como um local de produção de conhecimento onde a formação de novos públicos parta de ações que consigam transpor o espaço expositivo e faça parte de uma consciência de cidadania.

Muitos museus mundo afora têm apostado nessa iniciativa. Tanto na Europa como nos Estados Unidos, existem grandes museus dedicados à criança e eles fazem parte de sua construção lúdica e de seu processo educacional. O Museu da Criança do Brooklyn (o Brooklyn Children's Museum) foi o primeiro museu dedicado às crianças do mundo. Fundado em 1899, em uma das áreas mais tradicionais da cidade de Nova Iorque, todas as exposições têm cunho educativo e ensinam as crianças sobre as culturas do mundo, a história, a ciência e a natureza.

No Brasil, há uma iniciativa mais singela, e nem por isso menos importante, em Salvador. O espaço, no bairro Patamares, dá às crianças acesso à arte e à cultura local. Em 2016, o Masp organizou do seu acervo a mostra "Histórias da infância", que reuniu diversas representações da infância de diferentes períodos, territórios e escolas da arte. A ousadia do museu reuniu paras os pequenos a arte sacra, barroca, acadêmica, moderna, contemporânea e a chamada arte popular, bem como desenhos feitos por crianças.

A exposição "Acervo de Afetos" vai buscar na arte naif as representações mais ingênuas

para compor seu repertório e construir um primeiro diálogo com a criança, por meio de desenhos, cores e formas dos artistas Ângela Gomes, Elpidio Malaquias, Nice, Natal e Rômulo Cardozo.

A mostra possibilita ao público ver ou rever importantes peças do acervo a partir de uma nova perspectiva. A expografia foi pensada para o olhar da criança, os quadros serão expostos mais baixos que o habitual e algumas obras receberão um tratamento especial como peças lúdicas para maior interação com o público.

A arte naif como mote da exposição foi uma escolha natural, uma vez que as obras dos

artistas, chamados de primitivistas, ingênuos ou instintivos, se identificam, instantaneamente ou intuitivamente, com a infância. O termo naif – que significa ingênuo – se caracteriza pela não utilização das formas convencionais de composição ou do uso científico da perspectiva.

A representação onírica do mundo em uma visão idealizada da natureza sem preocupação com a representação realista do mundo é o que aproxima esses artistas da primeira infância e o que nos motiva a realizar a exposição "Acervo de Afetos". ■

⁽¹⁾Kyria Oliveira é coordenadora de Artes Visuais da Galeria Homero Massena



Programação

GALERIA HOMERO MASSENA

- Exposição: Acervo de Afetos
- Curadoria: Kyria Oliveira
- Educativo: Renato Saudino
- Abertura: 1.º de fevereiro, às 19h
- Período: de 2 de fevereiro a 4 de março de 2017
Funcionamento de segunda a sexta, das 9 às 18 horas.
Sábado, das 13 às 18 horas.
Endereço - Rua Pedro Palácios, 99, Centro, Vitória-ES

Um pouco de *Chaudanne*

O ARTISTA FRANCÊS, RADICADO NO ESPÍRITO SANTO, TEM SUA HISTÓRIA CONTADA NO LIVRO DE DAYSE RESENDE



Foto: Divulgação/Wilson Coelho

O trabalho do artista foi registrado no livro “Engenho de Dentro – Gilbert Chaudanne”

A importância do artista francês Gilbert Chaudanne para os capixabas e sua trajetória em terras do Espírito Santo ganham cada vez mais repercussão. Em 2015, o livro lançado por Dayse Resende, “Engenho de Dentro – Gilbert Chaudanne”, fala do trabalho desse artista e articulador cultural que vive há 31 anos no Espírito Santo.

Nascido em Besaçon

(França), a terra dos escritores Victor Hugo, Charles Nodier e Proudhon, só para citar alguns dos mais conhecidos –, Chaudanne caiu na estrada muito cedo. Passou pela Suécia, Noruega, Lapônia, Suíça, Alemanha, Luxemburgo, Holanda, Dinamarca, Itália, Mônaco, Paquistão, Índia, Nepal, Barbados, Venezuela, Colômbia, Equador, Uruguai, Peru, Bolívia, Argentina, Guia-

na Francesa, Tailândia, Laos, Marrocos, Argélia e, ufa, Brasil. Para ter ainda mais emoção passou, claro, pelo Deserto do Saara, na África. Atualmente, Chaudanne, ex-nômade como se autodenomina, mora em Vitória.

A vida nas estradas é explicada por esse artista do mundo. “Sempre estudei muito, era um acadêmico e chegou uma hora da minha vida que decidi trilhar a universidade da estrada. Era meio nômade, andarilho, pegava carona e seguia em frente... E por toda a Europa, América Latina e Ásia, enfim, por onde passava, era revistado pela polícia. Mas não tenho medo de polícia, meu pai era policial. Então, eu me identificava, eles me revistavam e tudo bem...” Segundo ele, havia ocasiões em que pedia abrigo na própria polícia, por não ter onde dormir.

“Andei pelo mundo e parei aqui, em uma cidade cujo nome





Foto: Divulgação/Daniilo Ferraz

Chaudanne ministrou, no final de 2016, a palestra “Quem matou Van Gogh?”, na Biblioteca Pública do Espírito Santo

tem tudo a ver: Vitória! Não poderia parar em uma cidade chamada derrota, certo?”, resume ele, às gargalhadas.

A veia artística do viajante inquieto Chaudanne ganhou mais destaque a partir das décadas de 1980 e 1990, com relevante participação nas áreas das artes plásticas, da literatura e do teatro. Sua vasta e volumosa produção artística fez parte de um trabalho que colaborou para a preservação da memória das artes do Espírito Santo e para uma geração de artistas locais.



Foto: Divulgação/Daniilo Ferraz

[*De tudo um pouco*]

A diversidade cultural do artista Gilbert Chaudanne é surpreendente. Ele é formado em biologia, com mestrado em geologia, mas também é escritor e pintor. Até ganhar a vida com seu talento para as artes, durante suas viagens exerceu as mais variadas funções: ajudante de pedreiro, entregador de cerveja, diretor e professor do Colégio Sinjacy (Laos), diretor da Aliança Francesa de Teresina (PI), professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Piauí, professor de Língua Francesa no Centro de Línguas do Piauí e, por último, professor de Literatura do Curso Universitário Nancy (França) na Aliança Francesa de Vitória.

Chaudanne tem vários livros publicados, na França e no Brasil, além de colaborar, nesses dois países, com revistas, cadernos e jornais de cultura. Atualmente, congrega a seus talentos o de palestrante, para falar sobre arte e literatura.

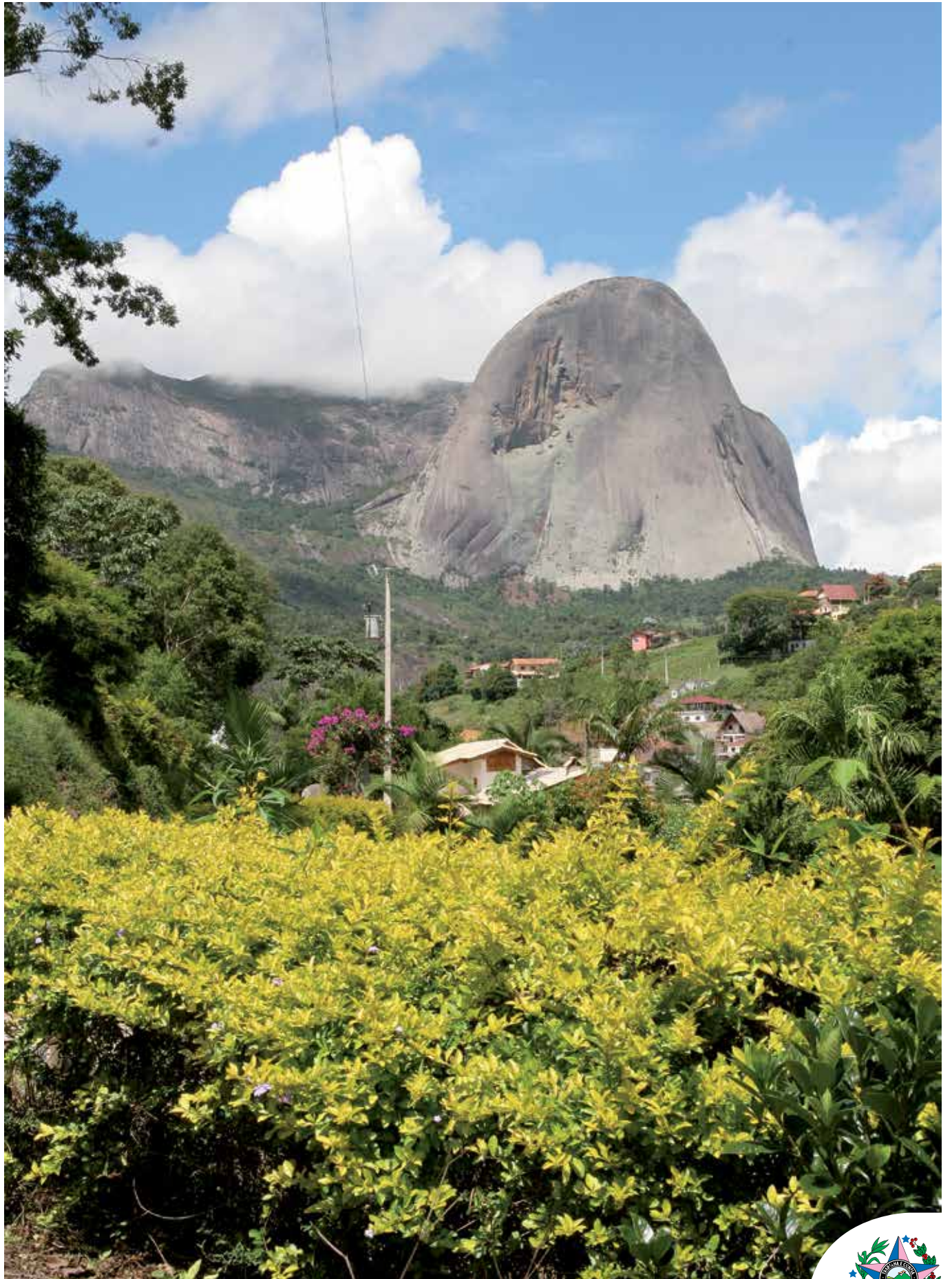
Em dezembro do ano passado, ele realizou, na Biblioteca Pública do Espírito Santo (BPES), a palestra “Quem matou Van Gogh?”, um evento que foi além da análise da obra de Van Gogh, mas uma discussão sobre as muitas hipóteses a respeito da causa da morte

do pintor holandês.

Em entrevista sobre “Literatura e Exílio”, concedida a Wilson Coêlho e publicada na Revista Icarahy, n.º 6/2011, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), Chaudanne classificou suas obras como “de fácil leitura para o brasileiro porque de certa maneira desposei a mentalidade, o espírito brasileiro. Pinto madonas, cristos, santos e cenas de boemia, nu feminino, casarios, temas que são familiares para os brasileiros, mesmo quando o faço de uma maneira que, às vezes, surpreende. No lugar de cristos ‘açucarados’, pinto cristos gritando de dor, de agonia”.

Em uma exposição que fez na Justiça Federal, no ano de 2011, em Vitória, os quadros mais vendidos foram exatamente os cristos de dor e não as madonas da ternura. O público, acredita ele, educa-se com os artistas.

Para este ano de 2017, ele pretende manter a rotina de exposições de suas pinturas, como também continuar dedicando-se ao prazer de escrever. “Gosto muito da arte, da literatura... Gosto muito da poesia da boemia brasileira. O Brasil é muito poético”, resume Chaudanne. ■



VENDA NOVA DO IMIGRANTE | Foto: Arquivo Setur/Jefferson Pancieri

